



Sociedade Femina: uma orquestra feminina na capital federal durante a segunda década do século XX

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Musicologia

Aline da Paz

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

alinedapaz@musica.ufrj.br

Resumo. A Sociedade Femina foi uma associação de mulheres musicistas criada na segunda década do século XX. Em publicações nos periódicos da época, a entidade declarava ter como propósito estimular “o gosto pela música através de concertos mensais em que se exhibi[riam] as principais virtuosas”. Notícias e imagens localizadas nas fontes consultadas indicam que sua proposta incluía a formação de uma orquestra exclusivamente por mulheres. Os dados levantados nesta pesquisa permitem considerar a Sociedade Femina como a primeira orquestra feminina até o momento identificada na musicologia brasileira. A partir de notícias identificadas na Hemeroteca Digital, publicadas em periódicos entre 1890 e 1930, este artigo busca apresentar os trâmites que envolveram a criação, o estabelecimento e o declínio da associação, bem como o contexto social e as negociações que permearam suas poucas apresentações públicas. O texto constitui um recorte de minha tese de doutorado, defendida em dezembro de 2019.

Palavras-chave. Mulheres, Música, Orquestra.

Title. *Femina Society: the project of an all-female orchestra in the federal capital, in the second decade of the 20th century.*

Abstract. The Femina Society was an association of women musicians created in the second decade of the 20th century. In publications in newspapers of the time, the entity stated that its purpose was to stimulate "the taste for music through monthly concerts in which the main virtuosos would be exhibited." News and images located in the consulted sources indicate that its proposal included the formation of an orchestra exclusively for women. The data collected in this research allow us to consider the Femina Society as the first female orchestra identified to date in Brazilian musicology.

Based on news published in the Digital Newspaper Library, published in newspapers between 1890 and 1930, this article seeks to present the procedures involved in the creation, establishment, and decline of the association, as well as the social context and negotiations that permeated its few public performances. The text constitutes an excerpt from my doctoral thesis, defended in December 2019.

Keywords. Woman, Music, Orchestra.

Mulheres e música

Todo meu processo de pesquisa, desde a graduação, percorreu a partir da curiosidade em descobrir a história de mulheres na música. Neste percurso pude observar o que a literatura



musicológica já constatou há algum tempo: a pesquisa sobre mulheres musicistas é um campo vastíssimo e pouco explorado. O entendimento de que às mulheres era limitado o acesso a certas atividades profissionais pode nos levar a pensar que esta limitação fora motivo para que elas não atuassem de forma relevante na música. Durante minha pesquisa de mestrado e doutorado, pude constatar que essa relevância ia muito além do que podemos pressupor e que a história da música e seus caminhos estão intimamente ligados à compreensão da atuação e relevância delas neste cenário.

Este trabalho é um recorte da minha tese defendida em 2019 pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo tema foi *Mulheres do INM (1890-1920): Expectativas Sociais, formação e processos de profissionalização*. No decorrer da pesquisa foi possível observar que, embora a historiografia tradicional e parte da produção musicológica tenham dedicado pouca atenção à atuação feminina ao longo do tempo, a quebra dos papéis sociais prescritos às mulheres naquela sociedade não constituía um fenômeno excepcional. Ainda assim, há de se considerar que a exclusão dessas mulheres dos registros e narrativas da história da música, apesar de ampliada, permanece uma realidade.

Uma das provas dessa constatação revelou-se durante a primeira qualificação para a defesa da tese, quando uma das professoras, membro da banca, me chamou a atenção para a imagem a seguir:

Figura 1: Notas Musicais - Sociedade Femina



Fonte: *Fon-fon*, 5 de maio de 1917, Ed.18, p.25.



Referia-se a uma orquestra composta majoritariamente por mulheres, tendo somente como membro masculino o regente (ao centro). Foi a partir desta informação que dei início à pesquisa da tal sociedade. A partir de algumas pesquisas iniciais e da falta de informações sobre outras organizações similares considerei a hipótese de que a Sociedade Femina tenha sido a primeira orquestra feminina documentada pela musicologia brasileira.

Koselleck (2006) considera que todos os relatos têm como ponto de partida experiências vivenciadas e expectativas que se relacionam com essas experiências. Este entendimento serviu de base para o conceito de Expectativas Tácitas e Explícitas (Paz, 2019) defendido nesta tese. Este conceito surge a partir da constatação de que numa pesquisa histórica, os documentos oficiais nem sempre revelam aquilo que estava ocorrendo nas entrelinhas daquela sociedade. As possíveis limitações impostas por leis, regimentos e pelas regras sociais não impediram que, como veremos, essas mulheres atuassem em palcos importantes, como os do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, entre os anos de 1916 e 1917, período em que foi constatada a atuação da Sociedade nesta pesquisa.

Em pesquisa recente Vergara (2026) amplia essa atuação para o ano de 1918, entretanto, como este é um recorte decorrente da pesquisa de doutorado em questão, manteremos os dados da tese.

Todos os dados apresentados foram coletados na Hemeroteca Digital, acervo digital pertencente à Biblioteca Nacional, e organizados a partir da metodologia desenvolvida por Paz (2020). Após implementados determinados padrões de busca na plataforma, as notícias levantadas nos periódicos foram organizadas por ordem cronológica, permitindo uma compreensão progressiva dos eventos ao longo de um período.

A Sociedade Femina

As primeiras notícias sobre a possível criação da nova associação apareceram na Gazeta de Notícias em 1º de setembro de 1916. Fundada neste mesmo ano, por iniciativa da musicista Julieta Corrêa, a Sociedade Femina foi uma associação de caráter filantrópico voltada à promoção da atividade musical feminina. Inspirada em instituições similares existentes em Paris e Londres, a entidade - de acordo com os documentos levantados - tinha como objetivo “ativar o gosto pela música através de concertos mensais em que se exhib[riam] as principais virtuosos”¹ cariocas, associando a prática artística à realização de ações beneficentes.

¹ Gazeta de Notícias, 01 de setembro de 1916 (Ed.244, p.5)

As referências localizadas nos periódicos entre os anos de 1916 e 1917 evidenciam a intensa atividade da sociedade, além de uma ampla visibilidade de suas iniciativas. Desde os primeiros anúncios de sua criação até a divulgação de seus concertos, as ações da entidade receberam significativa cobertura da imprensa carioca, aspecto que sugere a existência de redes de sociabilidade e influência que permitiram espaço privilegiado nos principais veículos de comunicação da época.

Julieta Corrêa, cantora e ex-aluna do Instituto Nacional de Música – principal instituição de ensino de música da república - ocupava posição de destaque nos círculos sociais e musicais da capital federal, informação constatada em diversos periódicos.

Figura 2: Julieta Corrêa



Fonte: *Fon-fon*, 16 de setembro de 1916, p.32

A imagem acima foi destaque na revista *Fon-Fon* durante o processo de fundação da sociedade. A revista dedicou espaço à futura presidente, publicando sua fotografia acompanhada da seguinte nota: “Mme. Julieta Corrêa, presidente do Femina, sociedade artística, fundada há dias e **exclusivamente composta de senhoras**” (*Fon-Fon*, 16 set. 1916, n. 38, p. 32 – **grifo nosso**).

Embora as publicações anteriores já apresentassem Julieta Corrêa como presidente da Sociedade Femina, somente em 28 de setembro de 1916 a Gazeta de Notícias noticiou a realização de uma reunião, marcada para as 20 horas, na Rua dos Andradas, nº 59, Centro do Rio de Janeiro – reunião destinada a definir as providências para o concerto de lançamento da associação. A nota informava que a estreia da sociedade ocorreria em “um dos nossos principais teatros”, destacando ainda que suas integrantes pertenciam ao meio artístico carioca e reiterando



o nome de Julieta à frente da organização. Os periódicos atribuíam a fundação da sociedade à iniciativa de senhoras cariocas dedicadas à música, às artes e à cultura.

Mais de um mês após a primeira notícia, já é possível identificar desdobramentos concretos das iniciativas da sociedade, inclusive em âmbito institucional. A continuidade da nota publicada em 7 de outubro, na *Gazeta de Notícias*, informa que a reunião realizada na residência de Julieta Corrêa resultou na formalização da criação da *Femina*, ocasião em que também foi oficialmente eleita sua diretoria, assim constituída:

Presidente, Mme. Julieta Corrêa; vice-presidente, Mme. Deborah Armando; 1ª secretária, Mme. Brasilina Borman; 2ª secretária, Mlle. Branca Bilhar; procuradora, Mme. Saralle; tesoureira, Mlle. Beatriz ten Brink Sherrard; arquivista, Mlle. Leonídia Sérgio; oradora, Mlle. Edméa Regazzi. (*Gazeta de Notícias*, 07 de outubro de 1916, Ed.280, p.4)

Um dos resultados da pesquisa para o doutoramento resultou no cruzamento dos dados obtidos a partir da listagem de alunas e professoras do INM (Instituto Nacional de Música), entre 1890 e 1920, como os nomes das mulheres atuantes como musicistas e noticiadas pelos periódicos entre os anos de 1890 e 1930. Esse cruzamento permitiu identificar a participação de três ex-alunas da instituição na diretoria da sociedade. Integravam esse grupo Julieta Corrêa, responsável pela presidência da entidade; Branca Bilhar, que ocupava o cargo de segunda-secretária; e Beatriz ten Brink Sherrard, tesoureira da associação.

A continuidade da notícia traz informações mais detalhadas sobre a agremiação, incluindo seu estatuto, os dias de ensaio e a indicação de seu regente, Cardiglio Lavalle. Embora não tenham sido localizadas informações adicionais sobre a trajetória do maestro, sua nomeação chama atenção pelo fato de a Sociedade Femina, constituída exclusivamente por mulheres, ter escolhido para a função de regente um músico do sexo masculino.

Não é objetivo deste trabalho aprofundar a discussão sobre os preconceitos enfrentados por mulheres que atuavam como maestrinas no período analisado, pois, embora a pesquisa tenha identificado a presença de outras mulheres exercendo a regência de grupos musicais, também foram localizados notícias e comentários que as desqualificavam no exercício de tal atuação profissional. Tais registros evidenciavam a permanência de concepções que associavam a direção musical a competências consideradas incompatíveis com a natureza feminina, reforçando discursos que questionavam a capacidade das mulheres como maestrinas.

A rápida consolidação da sociedade pode ser observada na notícia publicada pela *Gazeta de Notícias* em 7 de novembro (p. 4). Apenas dois meses após as primeiras referências à sua fundação, a entidade já reunia mais de cento e vinte associadas. A matéria





também reafirmava os objetivos da associação e o papel social atribuído às mulheres que dela faziam parte. Além disso, destacava o apoio recebido do poder público, ao ceder o Teatro Municipal para a realização de seu primeiro evento, medida que atendeu a uma solicitação anteriormente encaminhada pela diretoria da *Femina*.

Esta sociedade, da qual fazem parte senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade tem por fim proporcionar as suas associadas os meios de desenvolverem seus conhecimentos musicais. Femina dispôs-se, a exemplo de suas congêneres de Paris, a realizar mensalmente concertos vocais e instrumentais. O poder público lhe tem felizmente dado o amparo que merece. A prefeitura a pedido de sua diretoria, cedeu-lhe o Municipal. (Gazeta de Notícias, 7 de novembro de 1916, Ed.311, p.4)

Em 14 de dezembro, o *Jornal das Moças* informa sobre os preparos para futura estreia que contaria com a participação da *Sociedade Symphonica*, uma orquestra cujos membros aparecem mais adiante como sendo do sexo masculino.

Esta sociedade propõe-se a divulgar entre nós a sublime arte de Beethoven, preparando para o belo sexo a todas as manifestações da estética musical. A iniciativa desse grande movimento de arte cabe, sem dúvida, aquela distinta senhora, que não mede sacrifícios a torná-la uma das grandes associações que muito hão de concorrer para o progresso da nossa tendência pelo Bello. Brevemente essa associação realizará seu primeiro concerto no Municipal, tomando parte grande número de senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade, contando também com o concurso da Sociedade Symphonica.” (...) independentemente de termos o encanto dos ritmos clássicos teremos a graça, a formosura do bello sexo representado por verdadeiros ornamentos, constelações brilhantes no mundo feminino carioca, radiosas criaturas cujas tendências pelo Bello muito nos elevam. (Jornal das moças, 14 de dezembro de 1916, Ed.78, p.40)

Mais do que informar sobre os preparativos do evento, a matéria reforça elementos já observados em notícias anteriores. O periódico volta a atribuir papel central a “aquela distinta senhora” que entendemos referir-se a Julieta Corrêa, destacando seus esforços pessoais na condução e consolidação da associação, além da iniciativa de transformá-la em uma instituição de relevância para a vida artística da capital. Ao mesmo tempo, o texto reafirma os objetivos da sociedade, apresentados como uma forma de promover a educação estética e musical das mulheres por meio da divulgação da música de concerto.

A forma como o periódico se refere às expectativas sociais dirigidas às participantes da associação é comum naquele contexto. Apesar da valorização implícita no texto, ela é constantemente associada a atributos como graça, beleza, delicadeza e refinamento social. As mulheres envolvidas no projeto são descritas como representantes da “melhor sociedade”



carioca e como “ornamentos” do mundo feminino, indicando que sua presença no campo musical era legitimada não apenas por suas capacidades artísticas, mas também por sua atuação social e por características consideradas adequadas ao ideal de feminilidade vigente. A participação das mulheres na vida musical pública era compreendida como uma extensão de suas qualidades morais e estéticas, reforçando concepções de gênero que conciliavam visibilidade social e manutenção dos papéis femininos tradicionalmente valorizados.

A notícia publicada por *O Paiz* em 2 de fevereiro de 1917 celebra o rápido crescimento da sociedade que, em menos de cinco meses após as primeiras referências à sua fundação, já reunia cerca de 200 integrantes, número significativamente superior às mais de 120 associadas registradas em novembro do ano anterior. A expansão do quadro social era acompanhada pela intensificação das atividades da entidade, que se encontrava nos preparativos finais para a realização de seu primeiro grande concerto. Segundo o periódico, seus membros dedicavam-se assiduamente aos ensaios com o objetivo de garantir o êxito da apresentação inaugural. A relevância que a sociedade começava a alcançar também pode ser observada na intenção de convidar para o evento autoridades de destaque da vida política e administrativa do país. “Para a festa de inauguração ser[iam] convidados, por uma comissão especialmente designada, os Srs. Presidente da República, ministros, prefeito, chefe de polícia e pessoas de representação social” (O Paiz, 2 de fevereiro, 1917, Ed.11806, p.3).

A estreia ocorreu no dia 7 de fevereiro de 1917. Em nota de *O paiz* do dia anterior há destaque ao evento e à Sociedade, enfatizando a semelhança entre o Femina e sociedades similares atuantes em Paris. A validação de ser moldada por instituições similares às da cidade luz, era uma das características do período. Este período, chamado por muitos historiadores como *Belle Époque*, buscava transformar o Rio de Janeiro em uma Paris nos trópicos. Nesse contexto, roupas, costumes, arquitetura, instituições e outras práticas sociais inspiradas nos modelos europeus contribuíam para legitimar as novas iniciativas (Gralha, 2008).

A estreia foi noticiada em diversos periódicos no dia seguinte. Algumas dessas notícias foram positivas e de apoio, enquanto outras desmereceram a iniciativa.

A *Gazeta de Notícias* (Ed.38, p.4) referiu-se à apresentação como tendo sido “uma das maiores revelações da arte musical brasileira”, dando destaque à presença de senhoras e senhoritas da sociedade e à presidência de Julieta Corrêa. O periódico *O Paiz* (Ed.11812, p.4), logo na introdução, fez referência às perseguições sofridas pelo maestro *Lavalle*, seguida de uma crítica indireta ao pedir que seus leitores não se esquecessem de que o espetáculo era realizado por amadoras.





O maestro Cordiglia Lavallo para nós, que habitamos nesta grande capital, vivia escondido em Niterói, ainda que perseguido de cá pra lá, por aqueles que não tem a mesma constância e pertinência, e que não trabalham como ele, simples e puramente pela arte.... Fundou-se aqui a associação Femina, reunião de amadoras e violinistas, cantoras e pianistas, e, com os elementos da Sociedade Symphonica Fluminense, que já tem feito bastante pela arte musical em Niterói, organizou-se a orquestra de arcos e numeroso coro, executando-se um programa de bastante responsabilidade.

Claro que esta que é uma reunião de amadoras não pode sofrer os rigores da crítica habituada a julgar profissionais de fama mundial, mas dentro da relatividade pode se assegurar que foram além da expectativa geral, sobressaindo as solistas e causando excelente impressão o coro feminino, a bela orquestra de senhoras e senhoritas de boa vontade. (O Paiz, 8 de fevereiro de 1917, Ed.11812, p.4 – grifo nosso)

No time dos que apoiaram a apresentação, *O Imparcial* (Ed.1498, p.5) destacou o programa apresentado, além de uma listagem com todos os participantes, inclusive com descrição de alguns homens pertencentes à *Sociedade Symphonica Fluminense*. Não encontramos justificativas para a presença de membros da *Sociedade Symphonica Fluminense* na orquestra, contudo, consideramos que, como o *Femina* ainda estava em processo de formação, o convite tenha sido feito para um possível “reforço” nos naipes com mais dificuldades.

Após a estreia, novas apresentações da sociedade não foram imediatas. Somente três meses depois, o periódico *Fon-fon*, traz informações sobre um novo evento criado pela Sociedade, chamado *Hora Musical*. A proposta inicial era a realização de recitais todos os sábados, no salão nobre da *Associação dos empregados do comércio*. A notícia de 5 de maio de 1917 descreve a *Hora musical* como um momento de vivência “de boa e variada música”, e que suas récitas teriam início naquele mesmo dia, entre 4 e 5 da tarde.

Foi possível acompanhar a atuação da sociedade no cenário musical carioca por apenas mais alguns meses. A série de concertos denominada *Hora Musical*, apresentada como um “refrigério musical nas tardes de sábado”, continuou a ser anunciada na imprensa, embora sua realização tenha sido marcada por sucessivos adiamentos e cancelamentos, comprometendo a regularidade inicialmente proposta. O primeiro concerto ocorreu conforme previsto, em 5 de maio de 1917, na *Associação dos Empregados do Comércio*. A apresentação seguinte estava programada para o dia 12 do mesmo mês, no mesmo local, e recebeu ampla divulgação nos periódicos, entretanto, no próprio dia do evento, foi anunciado seu adiamento para a semana seguinte. A nova data, fixada para 19 de maio, também não se concretizou. Após esse episódio, as referências à *Hora Musical* desapareceram temporariamente das páginas dos jornais.





Somente em 2 de junho de 1917 a *Sociedade Femina* voltou a ser mencionada na imprensa, desta vez em notícias que destacavam o pedido de demissão do maestro Lavallo e o convite dirigido ao professor do *Instituto Nacional de Música*, Francisco Braga (1868–1945), para assumir a direção musical da entidade.

Em 6 de junho, o periódico *A noite* traz nova data para a *Hora Musical*, que aconteceria no dia 08, dois dias depois. Um destaque seria a mudança no local onde o concerto acontecia, passando a ocorrer no *Teatro Phenix*. No dia marcado notas no *Jornal do Comércio*² e em *O Imparcial*³ fizeram referências ao evento naquela tarde, tendo o segundo periódico dispensado grandes elogios ao espetáculo.

A 3ª hora musical da Sociedade “Femina” reuniu ontem, à tarde, no Phenix, uma multidão elegantíssima de figuras mais em relevo na sociedade culta do Rio, no nosso meio artístico.

As palmas que foram muitas e calorosas, coroaram com mais um sucesso a nova audição da vitoriosa sociedade. (*O Imparcial*, 9 de junho de 1917, Ed.1618, p.8.)

Após o concerto do dia 8 de junho, a *Hora Musical* só volta a ser noticiada no dia 28 do mesmo mês, numa referência ao evento que aconteceria no dia seguinte. Não encontramos notícias que comprovassem que o evento realmente teria ocorrido no dia 29. A partir de então as referências à *Hora Musical* desapareceram. Somente em agosto, novas notícias⁴ sobre a *Sociedade Femina* voltam aos periódicos, desta vez anunciando o aniversário de um ano da sua organização. A festividade aconteceria no *Teatro Phenix* no dia 24 do mesmo mês, espetáculo para o qual seriam convidados o “presidente da República, altas autoridades e o ‘set’ carioca”.

Encontrei outras referências ao evento, mas, embora muito noticiado, o espetáculo foi cancelado no dia em que aconteceria. O periódico *O imparcial*⁵ não forneceu muitos detalhes sobre o motivo para o adiamento, só considerando que teria sido “muito imperioso”.

Apesar do adiamento, as comemorações do aniversário da sociedade foram remarcadas para o dia 10 de setembro, no mesmo teatro. E pela segunda vez o espetáculo foi desmarcado em cima da hora⁶.

As notícias sobre as comemorações do aniversário da Sociedade voltaram a circular seis dias depois, apresentando uma mudança no local do evento, que saíra do *Teatro Phenix*

² Ed.136 manhã, p.6; e Ed.136 tarde, p.8.

³ Ed.1617, p.8.

⁴ Periódico A Rua, 8 de agosto de 1917, Ed.215, p.31.

⁵ O imparcial, 28 de setembro de 1917, Ed.1729, p.6.

⁶ Jornal do Comércio, 10 de setembro de 1917, Ed.216, p.5



e aconteceria no dia 28, no *Teatro Municipal*.

O concerto aconteceu, embora pouco tenha se falado sobre as insistentes remarcações. Somente o periódico *O Paíz*, no próprio dia 28, referiu-se aos esforços de sua presidente, Julieta Corrêa, em manter a sociedade. A notícia dizia que a musicista enfrentara “com ânimo decidido todas as dificuldades que tais empreendimentos acarretam”⁷. Informações presentes em outra nota, veiculada no *O imparcial*, permitem-nos considerar que as dificuldades não eram financeiras, pois, contando com mais de 500 associadas, a sociedade havia conseguido triunfar artisticamente e teria “um enorme sucesso monetário a ponto de reservar um patrimônio social tão opulento que permit[iria] a sua diretoria cogitar na aquisição de um prédio para instalar sua sede”⁸.

Êxitos como este são raríssimos e merecem especial registro, porque são resultados de muita boa vontade, de grande tenacidade e de real valor da sociedade.

Femina conquistou tudo isto apenas no período de um ano que hoje se completa, inclusive o tempo demorado de organização.

Para comemorar o seu primeiro aniversário a vitoriosa sociedade de música, que conta já cerca de meio milhar de senhoras associadas realizará esta noite um esplêndido festival no Teatro Municipal. (*O imparcial*, 28 de setembro de 1917, Ed.1729, p.6)

Três periódicos publicaram críticas no dia seguinte ao evento de comemoração do primeiro ano da organização. A primeira, veiculada em *A Rua*⁹, destacou o êxito da festividade, elogiando o “excelente festival”, o prestígio alcançado pela instituição e a qualidade dos números apresentados. O articulista ressaltou ainda que as diretoras da sociedade deveriam sentir-se plenamente satisfeitas com o sucesso obtido na ocasião. A segunda crítica, publicada em *O Paíz*¹⁰, em tom conciso, registrou a expressiva presença de público no Teatro Municipal e a fez uma relação dos participantes do espetáculo. Já a terceira, divulgada na *Gazeta de Notícias*, refletiu sobre as dificuldades inerentes à realização de eventos musicais. Segundo o autor, grande parte dos presentes no Municipal na noite anterior não era capaz de dimensionar o esforço e a dedicação necessários para a concretização de um espetáculo daquela natureza. Tais desafios, argumentava o articulista, tornavam-se ainda mais evidentes quando observados

⁷ *O Paíz*, 28 de setembro de 1917, Ed. 12042, p.4.

⁸ *O imparcial*, 28 de setembro de 1917, Ed.1729, p.6.

⁹ *A Rua*, 29 de setembro de 1917, Ed.266, p.4.

¹⁰ *O Paíz*, 29 de setembro de 1917, Ed.12043, p.3.



sob a perspectiva de quem acompanhava criticamente as atividades artísticas, contudo, apesar dos elogios aos esforços, teceu comentários depreciando musicalmente a apresentação.

Esse programa não podia deixar de apresentar deficiências, que nós nos propomos a apontar, muito menos com o intuito de crítica, do que com um caráter que pode produzir os melhores resultados. (...)

É evidente que, não sendo uma falta de orientação artística, só pode ser uma lamentável falta de gosto, iniciar um programa de concerto com uma “Gavotte”, mesmo sendo essa “Gavotte” de Saint-Saens. Nada mais fácil de ser evitado. Mas nós deixaremos de entrar em apreciação detalhada da execução dessa “Gavotte”, como de todos os números em que entrou a orquestra; porque avaliamos a deficiência de ensaios para Francisco Braga conseguir mais do que pode exhibir.

Estranhamos a execução do “Grande Concerto” de Mendellsohn, para dois pianos, cujo andamento precipitado lhe tirou todas as belezas.

“Le fils de Asra”, de Rubinstein, e “Samson et Dalila” de Saint Saens, cantados por Mlle. Celeste Cerqueira, ressentiram-se igualmente dos inevitáveis senões de uma voz cujo cultivo parece incompleto; e em “Le Prophete”, de Meyerbeer, com a estranha orquestração, a Sra Julieta Corrêa não nos pareceu de muita felicidade. (...) (Gazeta de Notícias, 29 de setembro de 1917, Ed.271,p.5)

Estas foram as últimas referências encontradas por esta pesquisa, relacionadas à *Sociedade Feminina de Cultura Artístico-Musical Femina*, o evento comemorativo teria sido o último evento da sociedade

A relevância dessas informações reside muito menos na trajetória conturbada da sociedade, mas sim na determinação de mulheres que, mesmo em meio a questões sociais de limitação profissional conseguiram organizar uma orquestra em que suas instrumentistas eram somente mulheres. Essa iniciativa nos permite vislumbrar a influência de algumas mulheres sobre os meios de comunicação, conhecimento logístico e traquejo social – neste último caso, comprovado pela presença de pessoas de destaque naquela sociedade.

Esperamos que a busca por mais referências sobre a sociedade e sobre a própria Julieta Corrêa, ajude a descortinar os desdobramentos dessa iniciativa, impedindo que estes não se esvançam neste trabalho.

Referências

CARVALHO, Marcus de. A Imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: NEVES, Lucia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone (org.). História e imprensa: Representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro, RJ: Faperj; Dp&A editora, (p.176- p.199), 2006.

FREIRE, Vanda Belard. Canções e papéis femininos, em teatro e salões do Rio de Janeiro (1860-1930). Uberlândia, MG. Anais do XXI Encontro Anual da ANPPOM, p.896-902, 2011.





GRALHA, Fernando. A Belle Époque carioca: Imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920). Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG; 2008.

JINZENGI, Mônica Yumi. Cultura impressa e educação da mulher no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Editora Puc Rio, 2006.

PAZ, Aline da. Atuação feminina no cenário musical do Rio de Janeiro (1890- 1910). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Música da UFRJ. Rio de Janeiro, 2013.

PAZ, Aline da. Mulheres do INM (1890-1920): Expectativas sociais, formação e processos de profissionalização. Programa de Pós-graduação em Música da UFRJ. Rio de Janeiro, 2019.

PAZ, Aline da. Mulheres Musicistas no Rio de Janeiro (1890-1930). Relatório Final – Programa de apoio a pesquisa. Biblioteca Nacional, 2023.

SOYHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. Acervo: Arquivo Nacional, v.9, nº1-2; p.99-124. Rio de Janeiro: janeiro/dezembro, 1996.

VERGARA, Jorge Israel Ortiz. A primeira organização feminista na música de concerto carioca: a Sociedade Femina segundo jornais da época (1916-1918). Opus (Assoc. Nac. Pesqui. Pós-Grad. Música), João Pessoa, v. 32, e263201, p. 1-30, 2026.

